

MOA SIPRIANO

ASUTS



MOASIPRIANO.COM

GSUIS

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração

Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia

pixabay.com

dafont.com

Todos os direitos reservados a

Moa Sipriano

Site oficial & Contato

moasipriano.com

escritor@moasipriano.com

Meu estado depressivo havia chegado ao seu auge naquela tarde do último domingo de abril. As fotos do nosso álbum de ácidas recordações estavam espalhadas sobre o tapete da sala que ele tanto adorava, onde algumas imagens jaziam deformadas em pequenas tiras irregulares. Outras tantas foram amassadas com puro gozo de vasta violência, provocando rugas imensas em nossa gasta juventude drogada.

O restante da nossa alegria agonizava entre gritos silenciosos com todas as pontas chamuscadas pelo meu cigarro carrasco. Lágrimas cretinas rolavam faceiras pelo meu rosto inchado, vermelho, deplorável. Desesperado, consumido pela solidão, finalmente tomei coragem e liguei para o único parente disponível nos arredores.

No quarto toque ele atendeu, esbaforido. Aprontava-se para fazer suas orações e cumprir seu falso ritual dominical.

“Você deve ir ao templo comigo. Tenho certeza que Deus vai iluminar seu coração!”, ele afirmou com tosca superioridade, após ouvir com relutância metade dos meus lamentos, acrescentando em seguida que eu era um sobrinho sortudo, pois o culto especial daquela noite certamente ia operar verdadeiros milagres no meu espírito tão quebrantado.

Pensei sem pensar. Dois agoniantes minutos de silêncio.

Acabei aceitando o convite.

O que mais eu poderia esperar do estado lastimável em que eu me encontrava? O que eu tinha a perder?

* * *

Tio Reinaldo e eu morávamos no mesmo bairro. Na verdade, apenas três quarteirões separavam nossas humildes casas.

Eu sei, eu sei que parece ridículo. Porém, a mínima distância era quase intransponível depois de tudo o que aconteceu comigo, com ele, com todos os envolvidos.

Ultimamente eu já não me ausentava do meu refúgio com muita frequência. Era trabalho-casa, casa-trabalho. Desde a época em que comecei a namorar o Maurício, meu tio simplesmente cortou todo tipo de contato. Por puro ciúme enrustido.

Sim, nós tivemos um caso... há séculos. O atual sessenta e quatro foi quem tirou minha antiga “ignoranta” virgindade dezessete.

Desde que tia Acácia partiu para o décimo andar e foi viver entre os querubins afetados, eu e o velhote ficamos por volta de cinco anos fundidos na clandestinidade. Fodíamos nossos corpos dias sim, outros também, sempre que eu voltava do trabalho. Friccionávamos nossos desesperos no fundo da garagem do meu tio.

Após consumir a metecção e bater uma pra mim (com uma puta má vontade... quando estava sóbrio), ele corria para o interior da casa em franco desespero, procurando se purificar com um escaldante banho demorado, esfregando o corpo com uma mistura de sal grosso e sabão em pedra.

Em seguida, rolava uma leitura fervorosa do Novo Testamento que nada tinha de sagrado, mantendo-se quieto e lacrimoso em seu quartinho que fedia a Pinho Sol.

Eu, caipira ingênuo e idiota, juntava os panos e voltava para casa da mamãe; confuso e culpado em acreditar que havia algo de demoníaco naquilo que fazíamos noite após noite, mas sem forças para desistir do prazer e da loucura que tinha viciado dois machos embebidos no “pecado”... segundo os sermões do meu tio, após sua patética e inevitável conversão.

* * *

Bastou um banho ligeiro.

Sem cabeça ou tempo para uma produção caprichada, catei e vesti as primeiras peças que encontrei no guarda-roupa caindo aos pedaços.

Empurrei meu desconfiado corpo arredio para fora de casa com tremenda dificuldade. Cheguei à esquina da residência do tio religioso depois de esticados vinte minutos. Ele me aguardava serenamente, embutido num modelito “derrotado-padrão”, onde somente seu pescoço roliço e sua cabeça “cara de tomate” se destacavam fora do seu surrado terno chumbo sem graça e sem vida e sem época definida.

Céus, aquela gravata abóbora pálida jamais combinaria com a camisa marinho brilhante!

Trocamos um rápido e glacial aperto de mãos. Seus dedos suados deixa-

ram a marca bem conhecida aos meus sentidos. Recordei, de imediato, as inúmeras vezes em que eu era obrigado a sugar seu indicador enquanto o Mindinho enrugado dele batucava no meu rabo em chamas.

Conversamos sobre poucas trivialidades durante o trajeto que nos levaria à sua casa de orações. Consumíamos o silêncio típico dos culpados introspectivos. Melhor seria afirmar que nosso parentesco de primeiro grau em nada influenciava nossa intimidade, pois apesar do fogo da carne, nossas almas permaneciam completamente estranhas uma para com a outra.

Hipócritas, esquecemos nossas fricções. Agora ele cumpria sua obrigação moral de apoiar um necessitado. Eu, bem, eu não tinha ideia melhor, senão acompanhá-lo até o templo das lamentações.

Será que o Espírito Santo acalmaria o sofrimento da minha perda recente?

* * *

O salão excessivamente iluminado e os cânticos absurdamente desafinados despertaram uma repulsa automática em meu ser. Eu não queria cruzar a linha que separava o mundo normal daquele lugar estranho que transpirava loucuras. Acabei seduzido pelo terror, sendo tragado pela força da mensagem salvadora de um canto cínico de vozes despreparadas.

Apesar do segundo passo, confesso que meus ouvidos clamavam por alguns segundos de silêncio. Despertei a curiosidade de diversos *irmãos*, que cochichavam entre si durante minha passagem pelo corredor lateral esquerdo, por onde eu e meu tio desfilamos, cabeças quase roçando peitos ofegantes.

Era palpável que eu não estava num ambiente que deveria abraçar a Diversidade. Que eu era o Anormal, o Rejeitado, o Indesejado, aquele que estava possuído pelo Coisa Ruim, entre outros comentários absurdos que eu já havia presenciado tantas e tantas vezes na estrada da vida, inclusive pelo meu próprio ex-amantito.

“Homem que come homem não é gay. Homem que dá pra homem... é!”, recordei de supetão o mantra do meu santo mestre Barba Cerrada, quando nos separamos, assim que finalmente me dei conta que não havia futuro algum para nós dois. Tio Reinaldo jamais assumiu para si mesmo os três lados da mesma moeda.

Sem fazer questão alguma de disfarçar, uma irmã com cara de nabo riu da minha roupa, cochichando com a amiga algo sobre a fivela em formato de estrela repleta de brilhantes falsos que gritava sua presença na minha cintura violão. Acho que deixei passar despercebido o nada discreto detalhe *fashion* ao combinar meu bat-cinto de antigas baladas ao conjunto pretinho-básico que eu havia escolhido para usar naquela cerimônia carnavalesca sem pé, nem cabeças... pensantes.

Um irmão loirinho com cheiro de virgindade sentiu-se desconfortável com o brinco de ouro que adornava minha orelha esquerda. Seu olhar reproduzia a inconformidade com minha joia verdadeira. Não sei se ele realmente estava incomodado com meu visual ou talvez muito interessado em me conhecer melhor, pois notei o bom volume fermentando no meio das suas coxas finas.

* * *

O culto começou oito da noite.

Por mais de duas horas aguentei cantos medonhos, orações lacrimosas em altíssimos tons malsonantes e falsos sermões emocionados, sem um pingão de lógica.

Estatuático, grudei no banco áspero e não emiti nenhuma reação. Anestesiado com a festa dantesca, tudo o que eu mais queria era sair daquele antro e correr para minha casa, para minha cama, para os braços da minha única e fiel amiga: a Senhora Solidão.

* * *

Voltamos de carona para a casa do meu tio. Um curioso casal de irmãos em Cristo morava no bairro acima do nosso. Agradei aos céus pela abreviação de tempo que me trouxe ao meu porto seguro.

Surpreendentemente, tio Reinaldo me convidou para entrar e tomar um café. Afinal, há anos que não nos falávamos, mesmo estando tão próximos um do outro. A última vez em que meu tio esteve em minha casa foi quando mamãe faleceu.

Eu viajava com Maurício, meu último namorado. Estávamos incomunicáveis, acampando numa região mineira a qual não consigo mais recordar o nome.

Ao chegar a casa naquela segunda-feira chuvosa, pela manhã, senti inúmeros olhares de reprovação alfinetando minha diminuta pessoa e meu companheiro corpulento. Ver o alvoroço que havia se instalado na sala, abrir espaço no meio de toda vizinhança e encontrar o caixão amarelo ao centro e minha mãe pálida e tranquila ali dentro do nada foi algo devastador pra mim.

Não posso recordar como foi o enterro. Tudo foi bloqueado em minha mente. Traumas de um passado até hoje não resolvido.

Tentei recusar o convite, embebido em educação. Aquela outra residência tão familiar na minha infância também me proporcionava tristeza em farpas. Quando dei por mim, eu já estava sentado na velha poltrona de lona verde da antiga sala terracota, olhando para as paredes repintadas em cal repletas de retratos esbranquiçados da minha desencarnada titia, observando com nostalgia o velho homem – tão solitário quanto eu – passar o tal café, perdido na corpulenta cozinha recoberta de azulejos cremosos que ainda mantinham o delicioso cheiro de manjerição domingueiro.

Enquanto aguardava o início do ritual de falsas boas maneiras, um lampejo chamou minha atenção, direcionando meu rosto cansado a observar uma foto que jazia na horrenda mesa de centro. Apanhei a imagem com cuidado, decifrando alguns dizeres e números que estavam rascunhados a lápis na parte de trás, pousando-a com dificuldade bem no meio das minhas coxas cambaleantes.

De repente, mil lágrimas desceram com força total, inundando minhas faces isentas de cor. Eu já sabia o que os anjos haviam reservado para mim. Tio Reinaldo voltava com a bandeja de café e alguns biscoitos de água e nada. Ele notou meu transtorno ao reparar no tesouro que eu segurava com a minha descoordenada mão esquerda em frangalhos.

* * *

Foi uma explosão de carências. Selvagem arrancou dos meus domínios o passaporte da minha felicidade. Roupas foram atiradas para todos os cantos. Um sexo natimorto passou a golpear minhas bochechas. Recordando bons tempos sombrios, eu lambi, chupei, fiquei de quatro. Tudo no automático.

Tio Reinaldo sugou meu rabo, lubrificou o resto das minhas pregas e galopou suas pelancas grisalhas sobre meu corpo eletrizado, esqualido, ardente. Após o gozo coelhístico, a comoção tomou conta do ambiente, carregado de cruas realidades. Sem rodeios, até mesmo estranhamente aliviado, meu tio – com seu peludo volume desproporcional ainda amassando meu liso e escorregadio esqueleto isento de ar – perguntou se eu estava preparado para aceitar “ele” na minha vida.

Perplexo, querendo rir e chorar, tornei a prestar atenção no retângulo de papel. Aquele olhar que transbordava carinho. Que parecia purificar a totalidade dos meus pecados, indicando que havia uma chance de recuperar minha alegria de viver, incentivando-me a lutar mais uma vez a fim de reaver tudo aquilo que eu julgava perdido, sepultado, esquecido no decorrer da minha triste existência.

Desistindo de endurecer a velha pica para mais uma rodada de fodaria e suspirando a contragosto por eu não dar a mínima bola para o seu sermão sem um pingo de sentido, de repente Tio Reinaldo se vestiu com o manto da caridade e muito sensível passou a me educar sobre o conteúdo daquela imagem tocante:

“Essa é uma reprodução grosseira dele, meu filho”, disse meu tio, com uma inesperada doçura na voz que amplificou em mil a ressonância dos meus soluços, enquanto explicava para mim-eu-mesmo o sentido dos dados rabiscados na parte de trás da imagem.

“Tio, meu tio, naquele templo eu não senti nada, eu não entendia nada. Mas agora, aqui na casa do senhor, sentado na poltrona que era da tia Acácia e vendo essa imagem. Ai, tio, meu tio, não sei o que está acontecendo comigo, mas eu só posso afirmar ao senhor que eu preciso DELE na minha vida!”

Algo impensável aconteceu. Nus e recompostos, fizemos uma oração curta e emocionada. Todo um ritual foi seguido para que eu me preparasse para assumir alguém que mudaria minha existência para sempre. Derrotado, aceitei a novidade que era colocada em evidência. Meu experiente tio, num ato sublime de solidariedade, fé e amor, embalou meu corpo fragilizado em seus braços fortes, dizendo-me ao pé do ouvido tudo aquilo que eu deveria saber de modo a iniciar certinho uma nova etapa em minha vida.

Assumir aquele compromisso... puta responsabilidade... era a minha

derradeira primeira vez. Chorei até não poder mais. Daquele momento em diante eu ganhava uma inusitada chance de renovar a esperança em meu ser. Agora ELE estava comigo em etérea presença. Notei o Pecado desfalecer ao meu lado. Eu queria voar para casa. Eu não precisava mais da companhia da desdentada Solidão. Eu teria a presença constante do verdadeiro consolador na minha mente, na minha alma, na minha vida. Sim, até na minha cama... a aquecer meu não mais solitário coração!

* * *

Talvez você não seja capaz de entender o que é permanecer no fundo do poço num certo momento e no instante seguinte, como num passe de mágica, ser conquistado por alguém que você pode confiar de olhos bem abertos; num alguém que pode lhe ouvir a qualquer instante e compreender sem julgar; aplacar sua dor, abrandar seu sofrimento, iluminar sua existência!

Através de uma imagem tosca, impressa “nascôxa”, ele entrou sem pedir licença e se apossou do meu espírito saturado, do meu espaço mais íntimo, do meu destino... da maneira mais bela e gloriosa possível. Ah, aquele olhar... eu me perdia em suas auréolas... eu me pegava imaginando até mesmo um abraço entre nuvens de seda!

* * *

Alguns dias após o último encontro com meu tio, uma irmã da tal igreja me fez uma visita. Aguentei com forçada serenidade uma série de orações e recomendações e mais orações, pois tudo era válido para que eu finalmente tivesse o direito de recebê-lo em minha vida.

Eu jamais poderia imaginar que meus ridículos problemas e meus toscos momentos depressivos seriam resolvidos de um jeito tão simples!

Pensar que meu santo tio e sua colega de pregações eram os responsáveis pela bênção que curou de vez a minha alma ferida.

Esqueci Maurício. Apaguei tudo o que eu podia das coisas que vivemos em conjunto e também do que nos havia afastado para sempre. Guardei apenas as boas lições de um relacionamento caótico.

Incrível como nada disso pesava qualquer importância. Pois agora eu havia conquistado uma luz verdadeira a guiar a nova trilha sonora!

* * *

As horas passavam em velocidade “startreco”. Alegrias e prazeres só aumentavam dia após dia. Minha postura mudou no trabalho, no trato com os colegas e com meus superiores.

Durante um jantar no meio da semana, uma amiga que voltou a frequentar minha casa notara o quanto eu havia mudado. Estava mais corado, mais disposto, sempre com um sorriso honesto no rosto em boa chama.

Eu disse a ela quem fora o responsável por transformar o meu ser. Ana não compreendia muito bem dessas coisas, mas respeitou minha decisão, meu orgulho.

A felicidade era maior quando a Noite dava as caras. Deitado em minha cama, num glorioso momento de meditação, minha união com meu salvador tornava-se mais intensa. De olhos bem fechados e olhares escancarados, era nessa hora que eu conseguia sentir todo o poder do seu carinho, a essência do seu amor, a vibração da sua energia pra lá de positiva. Na nossa intimidade, eu continuava a chorar descaradamente sem cessar, mas somente de alegria inefável por ter encontrado a preciosa companhia definitiva a complementar minha humilde realidade.

Eu agradecia fervorosamente a Deus pela chance de ter uma parte Dele comigo. Eu agora tinha aceitado um de seus filhos amados junto a mim, todas as horas do dia, a todo instante, onde quer que eu esteja, e onde quer que eu vá.

Bastaram poucos meses para que eu superasse de vez a dor de muitas separações. Eu era outro homem que havia deixado todos os machos que um dia povoaram minha cama e meu corpo livres para seguir seus próprios destinos.

Chega de aprisionar pessoas em pensamentos negativos e vingativos. Cada um segue o que deve ser seguido. Para mim-eu-mesmo, a Vida já havia reservado o melhor caminho. O novo caminho que eu seguiria com meu amado para sempre!

Perdoei tio Reinaldo. Apesar de como tudo transcorreu amalucadamente

entre nós, guardei em meu coração as delícias que ele me proporcionou, enquanto foi meu primeiro homem. Ri da nossa última escorregada em sua casa. Eu sabia que nunca mais receberia suas essências espessas dentro e fora do meu espírito franzino.

Vou soar repetitivo, mas é a realidade: mesmo tão próximos, perdemos de vez o contato. Sei que guardamos fragmentos das coisas importantes que vivemos um dia.

* * *

Se hoje você se sente sozinho, perdeu a fé na existência ou acredita que não há mais amor no mundo ou um amor só para você? Não se desespere. Procure o Purgatório nas ruas ou vá até uma Casa de Passagem e aceite alguém que pode ser verdadeiramente o seu único “salvador”.

Lute, busque orientação. Eu encontrei a razão da minha liberdade através de um simples panfleto amador perdido na casa de um tio solitário. Você pode encontrar a Felicidade em qualquer lugar, basta querer. Basta ter a coragem de dar o primeiro passo e abrir a sua mente e o seu coração!

* * *

Hoje eu posso afirmar em alto e bom som a quem quiser ouvir:

“Eu sou um homem realizado e feliz. Eu tenho um grande amigo ao meu lado. Um companheiro fiel, leal, amoroso e verdadeiro!”

Eu tenho um cãozinho (não mais) tomba-latas...

... batizado carinhosamente de...

... “GSUIS”.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
